

O PAPEL DAS SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS NO ENCAMINHAMENTO DA ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA¹

Andréa Pisan Soares Aguiar²

RESUMO

Neste trabalho, temos por objetivo aplicar os pressupostos teóricos propostos por Adam (2008) acerca das sequências textuais descritivas. Para procedermos à análise do texto *O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo*, de José Nêumanne, consideramos as macrooperações descritivas. Ao qualificar determinado objeto ou personagem não apenas os descrevemos, mas também estabelecemos determinada orientação argumentativa. Nesse sentido, alinhamo-nos com o que sustenta Marquesi (2007) acerca das escolhas efetuadas pelo autor de um texto. De acordo com a autora, os elementos descritivos selecionados pelo produtor do texto provocam determinados efeitos de sentido e oferecem informações importantes acerca do ponto de vista, das crenças e atitudes dele. Os resultados obtidos sugerem que a sequência descritiva orienta argumentativamente o enunciado, uma vez que é formada com base nas escolhas lexicais do autor para retratar determinado personagem de nosso cenário político. Com este estudo, acreditamos que podemos contribuir para um entendimento mais abrangente do descritivo como unidade composicional de um texto.

Palavras-chave: análise textual dos discursos, sequência textual descritiva, argumentatividade.

ABSTRACT

In this work, we apply the theoretical assumptions proposed by Adam (2008) about the textual sequences, the descriptive sequences, in particular. In order to put in practice the textual analysis, we consider the descriptive macrooperations. By describing a determined object or character we do not only describe it, but also establish argumentative orientation. We agree about the choices made by the author of a text according to Marquesi (2007) The author stated that the descriptive elements selected by the producer of the text cause certain effects of meaning and provide important information about his point of view, beliefs and attitudes. The results suggest that the sequence arguably descriptive guides the statement, since it is formed based on the lexical choices made by the author to portray

¹ O presente trabalho é resultado de estudos realizados no Grupo de Pesquisa *Ensino de Língua Portuguesa para Fins Específicos*, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, liderado pela Profa. Dra. Sueli C. Marquesi, do qual somos membro desde 2009.

² Mestre e doutoranda em Língua Portuguesa, PUC-SP/CNPq.

certain character of our political scene. With this study we believe we can contribute to offer a wider view of descriptive as compositional unity of a text.

Key words: textual discourse analysis, descriptive textual sequence, argumentativeness.

Considerações iniciais

Neste artigo, procedemos à análise do texto intitulado *O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo* (Anexo), de José Nêumanne, publicado no jornal *O Estado de S.Paulo*, em 25 de abril de 2012, considerando a perspectiva da análise textual dos discursos (Adam, 2008), no que diz respeito às sequências textuais, especificamente à sequência textual descritiva.

Nosso objetivo neste trabalho é aplicar os pressupostos teóricos propostos por Adam (2008) relacionados às sequências textuais descritivas e, conseqüentemente, verificar os sentidos produzidos por tais sequências. Para alcançar tal objetivo, buscamos responder à seguinte pergunta: De que forma esses sentidos contribuem para a construção da visada argumentativa do texto?

Para realizar a análise à qual nos propomos, iniciamos tratando de aspectos teóricos relacionados à análise textual dos discursos e às sequências textuais, particularmente os referentes à sequência descritiva. Posteriormente, apresentamos o contexto de produção em que o artigo de opinião por nós selecionado foi publicado, em seguida, realizamos a análise do texto propriamente dita. Por fim, expomos nossas considerações acerca do que foi abordado em nossa investigação.

Aspectos teóricos

Recentemente, o campo da linguística textual tem testemunhado importantes avanços no que diz respeito ao tratamento teórico dado aos textos. Um dos mais importantes estudiosos da área, o linguista francês Jean-Michel Adam, vem abordando o texto articulado ao discurso e ao gênero, segundo Marcuschi (2008: 81), uma tendência que considera o texto em um *continuum*, em que há uma “espécie de condicionamento mútuo”, condição na qual não há uma distinção estanque entre texto e discurso, mas uma relação complementar em que é considerado, ainda, o contexto.

Na obra *A linguística textual: introdução à análise dos discursos* (2008), Adam apresenta a relação da linguística textual com a análise do discurso, bem como as

categorias descritivas, ou operações de textualização, as quais formam um conjunto de operações que nos leva a considerar que uma sequência de enunciados resulta em um todo significativo. Tais noções embasam o que o autor propõe como análise textual dos discursos.

A análise textual dos discursos (ATD) proposta por Adam (2008) tem por objetivo tratar teórica e descritivamente os encadeamentos de enunciados que formam um texto, isso diz respeito “tanto à descrição e à definição das diferentes unidades como às operações, em todos os níveis de complexidade, que são realizadas sobre os enunciados” (Adam, 2008: 63).

Os níveis de análise propostos pela ATD são, segundo Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010):

- *nível sequencial-composicional*: os enunciados básicos estão organizados em períodos, que formam as sequências. Estas, em conjunto, formam o plano do texto, em uma estrutura linear;
- *nível enunciativo*: fundamenta-se na noção de responsabilidade enunciativa, ou seja, o caráter polifônico de um enunciado, as vozes do texto;
- *nível semântico*: baseia-se na noção de representação discursiva e em elementos que remetem a outros conteúdos no texto, em operações anafóricas e isotópicas, por exemplo;
- *nível argumentativo*: tem como base os atos discursivos e como eles orientam a argumentação do texto;

Os níveis enunciativo, semântico e argumentativo podem tanto ser expressos em uma estrutura linear do texto como em uma estrutura não linear.

De acordo com Adam (2008), a unidade textual básica é denominada proposição-enunciado, que se refere a “uma unidade textual de base, efetivamente realizada e produzida por um ato de enunciação, portanto, como um *enunciado mínimo*” (Adam, 2008: 106) [grifos do autor]. As proposições-enunciados são ligadas entre si por meio de períodos e sequências.

Como explicam Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010: 272), o termo *período* empregado por Adam não tem a mesma significação que encontramos na gramática da língua portuguesa. Na ATD, os períodos podem ser “tanto estruturas rítmicas, sem conectores, na fala e na escrita, como as estruturas organizadas em torno de conectores”.

As sequências, por sua vez, foco deste estudo, “são unidades textuais complexas compostas por um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados” que adquirem sentido “na unidade hierárquica complexa da sequência”; são “relações macrossemânticas transmitidas culturalmente e utilizadas para fins de reconhecimento e de estruturação da informação textual” (Adam, 2008: 204).

Adam (2008) esclarece que as sequências textuais são de cinco tipos, a saber: *descritiva*, *narrativa*, *explicativa*, *argumentativa* e *dialogal*. Neste estudo, elegemos o enfoque da sequência descritiva, cuja estrutura é ilustrada por meio do artigo de opinião *O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo*, de José Nêumanne, publicado no jornal *O Estado de S.Paulo*, em 25 de abril de 2012.

Nossa escolha em relação à sequência analisada deve-se à relevância dessa estrutura não apenas como mero mecanismo descritivo, mas como um importante recurso linguístico na produção de sentidos, que concorrem para a visada argumentativa, em textos do gênero artigo de opinião que ora examinamos.

Segundo Adam (2008), a sequência descritiva não apresenta uma estrutura típica. Em geral, ela se faz presente por meio de determinadas operações, de acordo com o plano de texto. Como Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010: 274) esclarecem, diferente “outros tipos de sequência, a descrição não possui uma ordem de organização das proposições-enunciados em macroproposições hierarquizadas. As proposições descritivas formam ciclos, mais de períodos do que de sequências”. Em outras palavras, a sequência descritiva não tem uma estrutura fixa, ela é gerada por operações de base descritivas. Adam (2008) destaca que as sequências descritivas possuem força ilocucionária, uma vez que é um sujeito que realiza a descrição, ação que não é independente de um ponto de vista que, em última instância, pretende levar o interlocutor a aderir ao enunciado proferido.

Marquesi (2004) esclarece que um enunciado descritivo é aquele que expande uma designação, ou seja, fornece informações acerca de do “ser descrito”, definindo-o e individuando-o. A autora ressalta que as “predicações traduzem o referente descrito, num jogo em que características permanentes e transitórias se imbricam ao longo do texto, garantindo a manutenção temática, na progressão semântica do texto [...]” (MARQUESI, 2004: 120).

As proposições descritivas, independentemente de quais sejam os objetos discursivos e de qual seja a extensão da descrição, são geradas por operações de base e se agrupam em

períodos cuja extensão é variável, sem ordem sequencial, ordenadas segundo determinado plano de texto. De acordo com Adam (2008), quatro macro-operações – *tematização*, *aspectualização*, *relação* e *expansão por subtematização* – constroem as seqüências descritivas e reúnem nove operações descritivas que resultam em vários tipos de operações descritivas de base. A seguir, detalhamos tais macro-operações:

Operações de tematização

De acordo com Adam (2008), a tematização é a principal macro-operação e confere unidade a determinado segmento. Além disso, é por meio dela que se define o tema, o objeto e a unidade descrita. Três são os tipos de macro-operações de tematização por meio das quais é possível construir o sentido, a saber:

- . *pré-tematização* (ou *ancoragem*): operação pela qual o objeto descrito é imediatamente denominado, inicia um período descritivo e anuncia um todo;
- . *pós-tematização* (ou *ancoragem diferida*): trata-se da denominação adiada do objeto descrito, ou seja, a descrição aparece apenas no final da seqüência;
- . *retematização* (ou *reformulação*): ocorre quando há uma nova denominação do objeto, a qual o redefine. Nesse caso, é necessária uma primeira nomeação do objeto que, posteriormente, é reformulada.

Operações de aspectualização

A aspectualização apoia-se na tematização e são duas as operações nesse caso, a *fragmentação* e a *qualificação*, como detalhamos a seguir:

- . *fragmentação* (ou *partição*): operação por meio da qual partes do objeto descrito são selecionadas para descrevê-las especificamente;
- . *qualificação* (ou *atribuição de propriedades*): operação que coloca em destaque características do todo ou das partes selecionadas por meio da fragmentação.

Operações de relação

As operações de relação, denominadas *contiguidade* e *analogia*, relacionadas a seguir, baseiam-se nas características de um referente para compor outro:

- . *relação de contiguidade*: nessa operação o objeto do discurso está situado espacial ou temporalmente (em um tempo histórico ou individual) em relação a outros objetos do discurso que podem se tornar principais no processo descritivo;
- . *relação de analogia*: operação que permite a descrição do todo ou das partes, de forma comparativa ou metafórica, considerando-as em relação a outros objetos do discurso.

Operação de expansão por subtematização

A operação de expansão por subtematização amplia a descrição por meio da adição de uma operação à operação anterior, de modo que o resultado é a subtematização sucessiva, que vai ampliando a descrição inicial.

O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo: contexto de produção

Delúbio Soares, ex-tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT) e Marcos Valério, empresário mineiro, citados no artigo *O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo*, de José Nêumanne, foram alguns dos principais personagens do “escândalo do mensalão”, um esquema de corrupção de parlamentares segundo o qual os políticos que compunham a base aliada recebiam uma mesada para votar a favor de projetos de interesse do Poder Executivo. Esse esquema foi divulgado pela primeira vez na imprensa pelo deputado federal Roberto Jefferson, pressionado pelas denúncias de pagamentos de propinas nos Correios, em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*, em junho de 2005.

Jefferson declarou também que o tesoureiro do PT, Delúbio Soares, pagava uma mensalidade de R\$ 30 mil a alguns deputados em troca de apoio político ao governo. Essa

entrevista de Jefferson teve vários desdobramentos, um deles foi a queda do ministro da Casa Civil, José Dirceu, um dos homens de confiança do então Presidente Lula.

Em julho de 2008, descobriu-se que o Banco Opportunity, de propriedade de Daniel Dantas, havia sido uma das principais fontes financeiras do mensalão. Por meio do Banco Opportunity, Dantas era o gestor da Brasil Telecom, que controlava As empresas Telemig e Amazonia Telecom, as quais haviam injetado R\$ 127 milhões nas contas da DNA Propaganda, administrada por Marcos Valério. Essa movimentação financeira, de acordo com a Polícia Federal, alimentava o “valerioduto”, outro esquema de pagamento ilegal a parlamentares. Além disso, houve denúncias de que Marcos Valério exercia considerável influência em negociações de cargos públicos no governo Lula.

O envolvimento de Protógenes Queirós, também alvo de crítica do editorialista do Jornal *O Estado de S.Paulo*, ocorre no momento em que ele, como delegado da Polícia Federal, comandou a Operação Satiagraha, que iniciou em 2004 e prendeu o banqueiro Daniel Dantas, do Opportunity, além do ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta e do megainvestidor Naji Nahas. Por suspeitas de irregularidades no comando da operação, Protógenes virou alvo de uma sindicância administrativa e de uma representação na Corregedoria.

Em 2010, afastado da Polícia Federal, Protógenes candidatou-se a um cargo político e foi eleito deputado federal pelo estado de São Paulo com 94.906 de votos válidos, número abaixo do necessário para ser eleito no estado, mas em razão de o humorista Tiririca ter obtido um grande número de votos pelo Partido da República (PR), que pertence à sua coligação, conseguiu se eleger. Em 1º de fevereiro de 2011 tomou posse.

Demóstenes Torres, por sua vez, era conhecido por defender a conduta correta e ética na atividade política. Em 2009, figurou na *Revista Época* como um dos 100 brasileiros mais influentes daquele ano. Foi um dos símbolos da oposição no Congresso e o relator na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania que resultou na Lei da Ficha Limpa, em 2010, que impede que políticos condenados e aqueles que renunciaram a mandatos para não serem cassados se candidatem. Viu-se na berlinda depois que investigações da Polícia Federal revelaram sua relação com Carlinhos Cachoeira, conhecido bicheiro, acusado de associação com jogos de azar.

Com uma série de denúncias vindo à tona, o parlamentar deixou o posto de líder do Democratas (DEM) no Senado. Em julho de 2011, foi cassado pelo Senado Federal e

permanecerá inelegível até 2027. Após sua cassação, reassumiu o cargo de procurador de justiça do Ministério Público de Goiás, mas em razão dos escândalos em que está envolvido, foi afastado do cargo porque, pela lei, para exercê-lo é preciso manter conduta correta na vida pública e pessoal.

As sequências descritivas na construção da orientação argumentativa

Ao longo do artigo de opinião, *O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo*, o autor apresenta os personagens do escândalo do mensalão e se vale de argumentos, alguns apresentados por meio de sequências descritivas, que servem para construir os sentidos que vão compor o cenário de corrupção e impunidade presente em nosso país. Com ironia, Nêumanne evidencia que o comportamento criminoso permeia as relações políticas e até o comportamento daqueles que, supostamente, são considerados honestos, cidadãos acima de qualquer suspeita.

Ao lermos o texto, percebemos que o autor traça duas situações paralelas, uma normal, que é esperada, e uma anormal, que causa estranhamento, conforme mostramos no quadro que segue.

Situação normal	Situação anormal
Bandido (armado ou desarmado) → assalta	Familiar ou amigo → furta algum pertence da casa ou assedia mulheres
↓	↓
Situação esperada	Situação inesperada
O bandido se mostra como bandido	O sujeito finório se mascara
Protógenes se insere aqui, pois se valeu de meios escusos para identificar envolvidos em operações financeiras fraudulentas	Demóstenes se insere aqui, pois ele estava acima de qualquer suspeita, era considerado honestíssimo
Ele também se valeu da notoriedade da Operação Satiagraha, que comandou na PF, para se eleger (obteve favorecimento pessoal)	Ele usou de sua condição de parlamentar para favorecer o bicheiro Cachoeira e a si mesmo
↓	↓
Protógenes é desonesto (mas esperado), é bandido profissional	Demóstenes é desonesto (não esperado), mas era amigo

As sequências descritivas presentes no texto geram determinados efeitos de sentido e orientam o leitor a formar opiniões acerca do assunto tratado pelo articulista. Como destaca Marquesi (2007: 58), certas “escolhas feitas pelos produtores dos textos trazem para nós (leitores) informações importantes sobre suas opiniões, crenças e atitudes, auxiliando-nos na construção do sentido”.

Na sequência, apresentamos excertos selecionados do artigo citado para que possamos expor de que maneira os argumentos são construídos por meio das sequências descritivas, foco deste estudo.

No parágrafo 1, a seguir, o autor apresenta o tema, por meio da operação de *tematização*, de que tratará em seu texto: a “diferença crucial” entre o bandido e o amigo ou parente: do primeiro, já esperamos atitudes desonestas, agressivas, de atentado à vida, esperamos que ele entre em nossa casa, o que não nos surpreenderia; do segundo, ao contrário, jamais esperamos tal comportamento, pois há uma relação de confiança, uma vez que o amigo/parente faz parte do nosso convívio familiar.

[§ 1] *Há uma **diferença crucial** entre o bandido, armado ou desarmado, que o assalta e o sujeito finório que entra em sua casa como amigo ou por ser parente e, depois, é flagrado furtando um talher de prata à mesa ou assediando alguma mocinha incauta no sofá da sala.*

Ainda nesse parágrafo, por meio de uma operação de aspectualização, a *fragmentação*, Nêumane seleciona partes do que apresentou na tematização, no primeiro parágrafo. No rol dos bandidos, o autor coloca o ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares e o publicitário Marcos Valério, pois como participantes do escândalo do mensalão, já fazem parte da “crônica policial”. Por estarem inseridos nesse contexto, não se espera deles ações que contrariem o comportamento “criminoso”. Nêumane constrói sua argumentação e estabelece uma relação de analogia, por meio da figura de Chico Picadinho, ao dizer com ironia que tanto de Delúbio quanto de Marcos Valério não se poderia esperar outra coisa senão ações criminosas, caso contrário, seria como “testemunhar Chico Picadinho pedindo doações para a Santa Casa de Misericórdia”, algo inimaginável.

[§ 1] *Cada vez que o cidadão brasileiro toma conhecimento de mais uma falcatrua realizada pelo ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares em Goiás, Minas ou no Espírito Santo, já encara o fato com normalidade, assim como normal é a notícia de mais um descalabro protagonizado por Marcos Valério Fernandes. Esses personagens do escândalo do "mensalão" já constam da crônica policial. Deles não se espera outra coisa. Alguém imaginaria um deles patrocinando uma causa benemérita? Seria como testemunhar Chico Picadinho pedindo doações para a Santa Casa de Misericórdia.*

No segundo parágrafo, o autor coloca no mesmo rol dos bandidos o ex-delegado da Polícia Federal, Protógenes Queiroz, qualificado como o “agente federal da lei” que passa a integrante do bando do contraventor Carlinhos Cachoeira ao ser descoberto no grampo durante uma investigação cujo alvo era Cachoeira. Protógenes comandou a Operação Satiagraha, durante a qual ocorreram várias irregularidades, que prendeu o banqueiro Daniel Dantas, do grupo Opportunity, o ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta e o megainvestidor Naji Nahas pela realização de negócios escusos e enriquecimento ilícito. Ainda que tenham ocorrido tais prisões ao longo das investigações as quais comandou, Protógenes cometeu várias irregularidades, fato que o fez se tornar, ele próprio, alvo de investigações. Além disso, valeu-se do cargo público para se eleger deputado federal.

Nêumanne apresenta o senador Demóstenes Torres, descrito na operação de *pré-tematização* como o “representante do povo”, o “amigo íntimo tido como mais correto”, “o mais moralista de todos”, “o que mais parecia ser a favor da lei, da moral e dos bons costumes” de quem se esperaria apenas atos honestos e comportamento íntegro. Essa imagem é reformulada, por meio da operação de *pós-tematização*, e resulta em Demóstenes como “vulgar serviçal do crime organizado que assalta a República em proveito pessoal”. Observamos, então, um movimento da pré-tematização para a pós-tematização que desconstrói a imagem de político imaculado que caracterizava Demóstenes, que passa a ser, assim, mais um dos criminosos do mensalão, também um bandido.

[§ 2] *Acontece que Protógenes Queiroz foi agente federal da lei. E Demóstenes Torres é um representante do povo. Uma coisa é se assustar com uma pistola imaginária de um assaltante na testa ao acordar no*

meio da noite e abrir-lhe o cofre para ter surrupiadas as joias da família. Outra, muito pior, é ficar sabendo, de repente, que o amigo íntimo tido como o mais correto, o mais moralista de todos, o que mais parecia ser a favor da lei, da moral e dos bons costumes não passa de um vulgar serviçal do crime organizado que assalta a República em proveito pessoal.

No parágrafo 4, a seguir, o autor apresenta a reformulação da imagem do delegado da Polícia Federal para “Eliot Ness do Sapopemba”, por meio da operação de *analogia*. A referência a Eliot Ness é uma alusão ao agente do Tesouro Americano, um detetive que atuava em Chicago, na década de 1940 e cuja equipe de investigadores, conhecida como Os Intocáveis, participou da prisão de Al Capone. No caso, do nosso Eliot Ness, Nêumanne o apresenta com certa ironia: estava interessado mesmo em se tornar celebridade com vistas a um cargo público. Se o verdadeiro Eliot Ness agia na Chicago prendendo grandes figurões da máfia, o nosso Eliot do Sapopemba trabalha em um bairro periférico e violento da cidade de São Paulo caçando bandidos de menor calibre.

*[§ 4] Ao declarar a investigação ilegal, a Justiça deu razão ao juiz federal Ali Mazloun, que a questionou por achar que o policial exacerbou da função em busca de notoriedade para se candidatar a um cargo político. É, de fato, questionável, para não usar termo mais duro, vender a imagem de **Eliot Ness do Sapopemba para se tornar estrela do noticiário e, com isso, ganhar notoriedade suficiente para almejar uma cadeira no Legislativo federal.***

As operações de retematização observadas no texto de Nêumanne, especialmente aquelas relacionadas à imagem de político honesto, acima de qualquer suspeita, de Demóstenes Torres, concorrem para a desconstrução dessa imagem e para a construção de uma nova imagem: a de um político corrupto e desonesto, como os demais envolvidos no escândalo do mensalão. No sexto parágrafo, a seguir, Demóstenes é retematizado como “catão moralista”, que vem reforçar seu caráter considerado exemplar e comportamento austero.

[§ 6] [...] *o opositorista não tinha em sua biografia profissional ou política nenhuma mancha evidente. Ao contrário, ele vendeu à Nação a imagem de cidadão acima de qualquer suspeita, um **Catão moralista** implacável que perseguia de forma exemplar e corajosa os malfeitores.*

Logo em seguida, no parágrafo 7, por meio da operação de *retematização*, há um efeito de contraste em relação ao caráter exemplar de Demóstenes apresentado no parágrafo 6:

[§ 7] *Para pôr fim à maligna promiscuidade entre homens da lei e sequazes do crime os parlamentares de bem devem exigir punição para o grampeador pilhado no grampo dos colegas e providenciar a exemplar cassação do **falso moralista** que fingiu ser santo para servir ao demônio.*
[...]

Demóstenes passava a imagem de “catão moralista”, mas, na verdade, era um “falso moralista”, pois, assim como os demais, também estava envolvido em esquemas ilícitos, contudo, o agravante, do ponto de vista do articulista, era que Demóstenes não mostrava seu lado desonesto. Dessa perspectiva, torna-se muito mais difícil lidar com as atitudes e reações de uma pessoa que finge ter determinado comportamento quando, na verdade, não tem, em comparação com alguém que explicitamente mostra seu comportamento, ainda que esse não seja aprovado do ponto de vista moral e ético.

Considerações finais

Por meio da análise do texto *O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo*, de José Nêumane, percebemos que as sequências descritivas são recursos importantes para a construção da orientação argumentativa. Por meio das operações de tematização, pré-tematização, pós-tematização e retematização (Adam, 2008), por exemplo, o autor descreve aspectos relacionados ao comportamento e ao caráter dos personagens envolvidos no escândalo do mensalão. Um deles, Protógenes, tinha um comportamento avesso à honestidade e dele não se esperava nenhuma atitude honrosa; sabíamos que a qualquer momento poderíamos ser “surrupitados” de nossos pertences. Entretanto, o outro, Demóstenes, era considerado correto, honesto; dele não poderíamos esperar um

comportamento desonesto, mas foi isso que aconteceu – e essa foi a causa da incredulidade explicitada por Nêumanne em seu artigo.

As sequências descritivas constituem um modo de organização textual que vai além da mera descrição de personagens, cenários ou lugares, e juntamente com outras sequências textuais, como a própria sequência argumentativa, respondem pelos sentidos implícitos no texto e pela perspectiva que o autor imprime às suas palavras.

Com este trabalho esperamos poder contribuir para os estudos do texto, em especial, aqueles em que se aplicam os pressupostos da análise textual dos discursos (Adam, 2008) de forma a evidenciar a estrutura sequencial como construtos utilizados para a construção de sentidos e estabelecimento da orientação argumentativa.

Anexo

O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo

José Nêumanne

Há uma diferença crucial entre o bandido, armado ou desarmado, que o assalta e o sujeito finório que entra em sua casa como amigo ou por ser parente e, depois, é flagrado furtando um talher de prata à mesa ou assediando alguma mocinha incauta no sofá da sala. Cada vez que o cidadão brasileiro toma conhecimento de mais uma falcatura realizada pelo ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares em Goiás, Minas ou no Espírito Santo, já encara o fato com normalidade, assim como normal é a notícia de mais um descalabro protagonizado por Marcos Valério Fernandes. Esses personagens do escândalo do “mensalão” já constam da crônica policial. Deles não se espera outra coisa. Alguém imaginaria um deles patrocinando uma causa benemérita? Seria como testemunhar Chico Picadinho pedindo doações para a Santa Casa de Misericórdia. Coisa muito diferente, contudo, é saber que Protógenes Queiroz teve sua voz reconhecida num grampo de seus colegas federais na investigação do bando criminoso do contraventor Carlinhos Cachoeira. E, mais ainda, se deparar com Demóstenes Torres funcionando como despachante do bicheiro e usando para tal sua condição de parlamentar.

Acontece que Protógenes Queiroz foi agente federal da lei. E Demóstenes Torres é um representante do povo. Uma coisa é se assustar com uma pistola imaginária de um assaltante na testa ao acordar no meio da noite e abrir-lhe o cofre para ter surrupiadas as joias da família. Outra, muito pior, é ficar sabendo, de repente, que o amigo íntimo tido como o mais correto, o mais moralista de todos, o que mais parecia ser a favor da lei, da moral e dos bons costumes não passa de um vulgar serviçal do crime organizado que assalta a República em proveito pessoal.

A bem da verdade, não é bem esse o caso de Protógenes. Como delegado da Polícia Federal (PF), ficou famoso depois de assumir as investigações da Operação Satiagraha. Seus métodos, no mínimo, heterodoxos de investigar as hostilidades entre os sócios italianos da Italia Telecom e o administrador de fundos brasileiro Daniel Dantas, cuja prisão lhe rendeu enorme exposição na mídia, motivaram processo da própria PF, movido antes de ele se candidatar à Câmara dos Deputados. Eleito pelas sobras dos votos do palhaço Tiririca, agora tem imunidade.

Ao declarar a investigação ilegal, a Justiça deu razão ao juiz federal Ali Mazloum, que a questionou por achar que o policial exacerbou da função em busca de notoriedade para se candidatar a um cargo político. É, de fato, questionável, para não usar termo mais duro, vender a imagem de Eliot Ness do Sapopemba para se tornar estrela do noticiário e, com isso, ganhar notoriedade suficiente para almejar uma cadeira no Legislativo federal. No entanto, o policial processado pela instituição a que serve conseguiu legenda no Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e licença da Justiça Eleitoral para disputar votos. E, não os obtendo em número suficiente para se tornar representante do povo, teve a preciosa ajuda do palhaço puxador de votos para atingir seu objetivo político.

Não é de estranhar que, com esse currículo, ele tenha sido flagrado em conversa telefônica com o sargento da Aeronáutica Idalberto Matias de Araújo, conhecido como Dadá ou Chico, do estreito círculo íntimo de Cachoeira. Menos ainda que tenha apelado, como está habituado a fazer, para a tergiversação ao reagir à denúncia apresentada contra ele pelo presidente do PSDB, Sérgio Guerra (PE), que pediu sua cassação ao Conselho de Ética da Câmara. Sua Excelência apresentou como prova de quebra de decoro parlamentar imagem do tucano indicando ao correligionário Rogério Marinho (PSDB-RN) cartaz, que este

rasgou, à porta de seu gabinete conclamando pela convocação de uma CPI sobre a “privataria tucana”, tema de best-seller de Amaury Ribeiro Jr., protagonista do nebuloso caso de falsificação do pedido de quebra de sigilo fiscal de Verônica, filha do tucano José Serra, candidato a prefeito de São Paulo. Em vez de explicar ao público, que paga seus proventos de policial e seus vencimentos de parlamentar, que relações mantém com Dadá ou Chico, o deputado comunista preferiu acusar o presidente nacional do PSDB de estar a serviço de Daniel Dantas, cujos métodos, segundo ele, se assemelham aos do bicheiro. Mas o caso do grampeador apanhado no grampo, como está descrito acima, é muito diferente do de Demóstenes Torres, embora suas biografias tenham, na origem, pontos comuns. Como Protógenes, o senador hoje sem partido entrou na política pela porta do combate ao crime, na Secretaria de Segurança de Goiás.

Aí, contudo, acabam as semelhanças. Até ter sua intimidade com o bicheiro devassada pelos grampos telefônicos da PF, o opositor não tinha em sua biografia profissional ou política nenhuma mancha evidente. Ao contrário, ele vendeu à Nação a imagem de cidadão acima de qualquer suspeita, um Catão moralista implacável que perseguia de forma exemplar e corajosa os malfeitores (para usar termo da preferência da presidente Dilma Rousseff) que dilapidam os recursos públicos aproveitando-se de cargos no governo ou poder político. A revelação de sua dupla face - perseguidor de criminosos a serviço de um fora da lei - surpreendeu a Nação inteira, dando-lhe a desconfortável sensação de que ninguém é confiável. Parafraseando Ivan Karamazov, o personagem de Dostoiévski, é como se subitamente descobríssemos que, não sendo Demóstenes honesto, ninguém jamais o seria.

Para pôr fim à maligna promiscuidade entre homens da lei e sequazes do crime os parlamentares de bem devem exigir punição para o grampeador pilhado no grampo dos colegas e providenciar a exemplar cassação do falso moralista que fingiu ser santo para servir ao demônio. O ectoplasma de Demóstenes que desfila no Congresso Nacional é um tumor que apodrece a política e infecciona a democracia.

Bibliografia

ADAM, J.-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BARSA SABER. *Eliot Ness*. Disponível em: <<http://brasil.planetasaber.com/theworld/dossiers/seccions/people/default2.asp?pk=1835&art=31&pag=1>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 146-225.

MARQUESI, S. C. Referenciação no texto descritivo. In: *Congresso latino-americano de estudos do discurso*, 7, 2007 (Mesa “Questões de Referenciação”, coordenada pela Prof^a. Dr^a. Ingedore G. V. Koch).

_____. *A organização do texto descritivo em Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MENSALÃO. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<http://topicos.estadao.com.br/mensalao>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

NÊUMANNE, J. O “santo” servil ao diabo e o grampeador no grampo. *O Estado de S. Paulo*. 15 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-santo-servil-ao-diabo-e-o-grampeador-no-grampo-,865069,0.htm>> Acesso em: 25 abr. 2012.

RODRIGUES, M.G.S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J.G. “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, J.-M.;

HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 150-195.